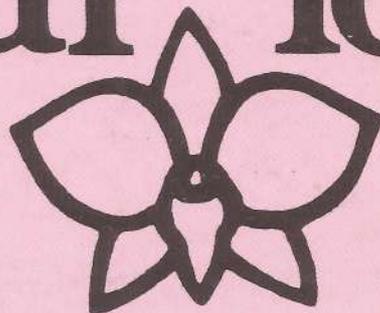


# Orquidário

Volume 4, n.º 2, 1990  
abril, maio e junho



ORQUÍDEAS

Livro Tombo n.º *R. 14*

Obra n.º *J*

Bibliotecário

Revista  
da Orquidário

R. 14

---

## DIRETORIA

Presidente..... Alvaro Pessoa  
Vice-Presidente..... Waldemar Scheliga  
Secretário..... Carlos Eduardo B. Pereira  
Tesoureiro..... Raimundo Mesquita  
Diretor Social..... Hans J. O. Frank

Diretor de Exposições..... Helena Eyer  
Diretor de Julgamento..... Roberto Agnes  
Diretor Técnico..... Roberto Agnes  
Assistente da Diretoria..... Antônio A. de Gouvêa  
Bibliotecário..... Mário de Abreu Almeida

---

## REVISTA ORQUIDÁRIO

Editor: Roberto Agnes — Tel.: (021) 541-8361

Comissão Editorial: Sandra Frank, Carlos A. Gouveia, Waldemar Scheliga, Alvaro Pessoa

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída gratuitamente aos Associados.

Roga-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao Editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos e nome do fotógrafo, devendo ser identificada a autoria de desenhos e esquemas, apresentados, sempre, em papel branco e tinta preta.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da Revista é de propriedade de Orquidário, nome que, também, está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de direito autoral, indicada como DR, pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

---

### Preços

1 — contribuição dos sócios:

— fundadores e contribuintes: 7 BTN's Fiscais por trimestre ou 20 BTN's Fiscais por anuidade.

— correspondentes, residindo fora da cidade do Rio de Janeiro: 4 BTN's Fiscais por trimestre ou 12 BTN's Fiscais por anuidade.

— vitalícios, por faixa etária:

I — de 30 a 40 anos — 3.500 BTN's Fiscais

II — de 40 a 50 anos — 2.750 BTN's Fiscais

III — de 50 a 55 anos — 2.000 BTN's Fiscais

IV — de 55 a 60 anos — 1.570 BTN's Fiscais

V — de 60 a 65 anos — 1.200 BTN's Fiscais

VI — de 65 a 70 anos — 790 BTN's Fiscais

VII — de 70 a 75 anos — 450 BTN's Fiscais

VIII — acima de 75 anos — 350 BTN's Fiscais

2 — números atrasados e avulsos da Revista, sujeitos à disponibilidade de estoque: 4 BTN's fiscais.

3 — publicidade, devendo o interessado fornecer o texto e lay-out:

— página inteira: 250 BTN's Fiscais

— meia página: 130 BTN's Fiscais

— quarto de página: 63 BTN's Fiscais

4 — Assinaturas para o exterior

1 ano — US\$ 15.00, porte simples

US\$ 23.00, via aérea

2 anos — US\$ 28.00, porte simples

US\$ 44.00, via aérea

Os preços acima poderão ser alterados pela Diretoria sem aviso prévio. A Revista não assume responsabilidade por colaborações assinadas e publicidade.

A correspondência à Revista deverá ser enviada ao Editor, Rua Sorocaba nº 122 — Botafogo, CEP 22.271 — Rio, RJ.

---

## Índice dos Artigos

Conversa com o Editor .....	pág. 4
Híbridos de <i>Phalaenopsis</i> — Brancos .....	pág. 5
Umidade .....	pág. 12
Notas sobre o gênero <i>Oncidium</i> — V .....	pág. 13
O cultivo de <i>Miltonia</i> .....	pág. 18
O <i>Paphiopedilum rothschildianum</i> .....	pág. 21
No limite .....	pág. 24
Espécies interessantes — Minhas pequenas jóias .....	pág. 25
Seção Perguntas e Respostas .....	pág. 29
Sementeira dos Sócios .....	pág. 30

## Índice de Fotos e Desenhos

Capa e contra-capas, fotos de Roberto Agnes	
<i>Phalaenopsis</i> Antarctic 'Ascot'. Roberto Agnes .....	pág. 6
<i>Phalaenopsis</i> Randie Virginia. Roberto Agnes .....	pág. 8
<i>Phalaenopsis</i> Oregades Upstart 'Soroa'. José Esposito .....	pág. 10
<i>Oncidium longipes</i> . Maria Cristina Miranda .....	pág. 13
<i>Oncidium croesus</i> . Paulo Barbosa .....	pág. 14
<i>Oncidium longipes</i> . Paulo Barbosa .....	pág. 15
<i>Oncidium barbatum</i> . Paulo Barbosa .....	pág. 15
<i>Oncidium ciliatum</i> . Paulo Barbosa .....	pág. 16
<i>Oncidium micropogon</i> . Paulo Barbosa .....	pág. 16
<i>Oncidium macropetalum</i> . Paulo Barbosa .....	pág. 17
<i>Miltonia</i> Celle 'Wasserfall'. Milton Carpenter .....	pág. 18
<i>Paphiopedilum</i> Delrosi 'Rita' HCC/AOS. Fotografia não identificado .	pág. 21
<i>Ionopsis utricularioides</i> . Roberto Agnes .....	pág. 26
<i>Sigmatostalix radicans</i> . Roberto Agnes .....	pág. 27

ORQUIDÁRIO

Livro Tombo

*Ranis 14*  
n.º *R. 14*

Obra n.º .....

*28/04/92*

Nossas Capas

Bibliotecário

*Paphiopedilum rothschildianum*, o 'Rei das Orquídeas', enfeita a nossa capa com toda sua majestade. Com flores que medem até 30cm de diâmetro, essa espécie é cobiçada por colecionadores no mundo inteiro. O clone ilustrado, *Paphiopedilum rothschildianum* 'Aranda', é um exemplo perfeito dessa espécie. A *Miltonia candida* mostrada na contracapa é certamente uma das mais belas das *Miltonias* brasileiras. Esse seedling tirado de um lote, na Florália, é resultado da autofecundação de uma planta selecionada.

## Nosso próximo número

No próximo número teremos a continuação das séries sobre *Oncidium* e *Phalaenopsis*. Tradução feita por W. Scheliga do excelente artigo, 'A conservação e o exame de capacidade de germinação de orquídeas tropicais', será de interesse para aqueles empenhados na conservação das nossas espécies.

# Apoiemos a Revista

Quando este número estiver circulando, a OrquidaRio estará celebrando seu quarto ano de existência. Quatro anos nos quais a vimos crescer de um pequeno grupo de entusiastas até tornar-se uma das mais importantes sociedades orquidófilas hoje existentes no Brasil. Desde o início a Revista tem acompanhado o crescimento da sociedade e a cada número tentamos trazer algo novo para o leitor, seja com novas seções (sementeira dos sócios, por exemplo) ou com os aprimoramentos por todos reconhecidos.

Grande conquista foi a introdução das cores no corpo da Revista, feito sem precedentes no país. Foi motivo de muita alegria para nós a positiva reação dos nossos leitores e temos como meta publicar a revista toda a cores bem proximamente.

Como era de esperar o custo da revista aumentou consideravelmente e para manter a qualidade conquistada necessitamos de participação ainda maior dos nossos sócios. No passado já fiz apelos para que fossem mandados artigos, a resposta foi excelente. Espero que não seja diferente agora.

Para, pelo menos, manter o padrão de qualidade já obtido, pretendemos criar um "Fundo de apoio à OrquidaRio", baseado em 'Colour Funds' já existentes em outros países e que visam a bancar o alto custo de uma publicação com o nível exigido pelos sócios. Contribuições (em dinheiro) podem ser feitas por qualquer sócio e cada doação, com o nome do doador (se este for o seu desejo) será publicado na revista num espaço dedicado ao Fundo. Já temos duas importantes contribuições. A excelente qualidade do papel dos últimos dois números devemos a ilustre sócio que insiste em permanecer anônimo e vimos de receber doação do nosso sócio Hsu Yet Hsing, proprietário da Orquilândia Tropical, da Bahia, com essa finalidade, manter o padrão da Revista.

A introdução de cores tem a maior importância, pois a compreensão e apreciação da flor aumenta consideravelmente e muitas vezes essas fotos se tornam importantes pontos de referência. Para aqueles que sempre se sentiram tímidos ou não o suficientemente entendedores para participar com um artigo, ou mesmo uma nota, agora têm a oportunidade de participar de uma forma igualmente importante, contribuindo financeiramente e, assim, investindo no crescimento da OrquidaRio e da Revista, o que propicia o crescimento cultural de cada um de nós.

Com a publicação deste número também termina o mandato da atual Diretoria. A Diretoria que encerra a sua gestão teve como meta o crescimento e êxito da sociedade e, em nome de todos os Diretores, quero agradecer aos sócios por seu grande apoio.

*Roberto Agnes*

# Híbridos de *Phalaenopsis* Branco

Roberto Agnes\*

Como amante de *Phalaenopsis* nunca deixo de me surpreender com a variedade e qualidade dos híbridos desse gênero encontrados nas exposições de orquídeas.

Este primeiro artigo, da série sobre híbridos de *Phalaenopsis* tratará dos brancos, que, na minha opinião, quase alcançaram o que os juízes chamam de 'perfeição hipotética'. Cada ano os experts empenham-se em analisar os novos híbridos brancos e a cada ano a conclusão é que será impossível melhorar a qualidade desses híbridos. Mas, para nossa exasperação, algo novo e melhor sempre aparece. O fato incrível nessa proeza de hibridação é que quase 100% dos híbridos brancos têm sua origem em apenas três espécies, ou, dependendo do taxonomista, com somente uma espécie!...

Seguindo o passado da maioria dos híbridos brancos, quase sempre chegamos a três espécies, *Phal. amabilis*, *Phal. aphrodite* e *Phal. rimestandiana*. Quase todos os taxonomistas concordam que *Phal. rimestandiana* não é uma espécie válida e outros ainda acham que *Phal. aphrodite* é um sinônimo de *Phal. amabilis*. Se esses raciocínios foram aceitos como válidos, na verdade está se dizendo que híbridos magníficos, como *Phal. Antarctic*, são simplesmente o resultado de um longo programa de cruzamento em linha e deveriam ainda ser chamados de *P. amabilis*.

O mais importante taxonomista no gênero *Phalaenopsis*, Sweet, aceita *Phal. amabilis* e *Phal. aphrodite* como sendo espécies válidas. Muitos dos híbridos antigos, registrados no 'San-

der's List of Orchid Hybrids', com *Phal. rimestandiana* são aceitos como válidos. Seria impossível mudar todos os nomes em que *Phal. rimestandiana* foi colocada como uma das matrizes.

A hibridação de *Phalaenopsis* teve um começo lento se comparada a outros gêneros. No período de 1854-1946 um total de 145 híbridos de *Phalaenopsis* foram registrados o que é insignificante se se comparar aos mais de 2.000 híbridos de *Cattleya* ou 1.300 híbridos de *Cymbidium* registrados no mesmo período. Esse não é mais o caso, uma rápida olhada numa lista de novos híbridos mostrará mais híbridos de *Phalaenopsis* sendo registrados do que qualquer outro gênero.

A hibridação de *Phalaenopsis* brancos teve começo com *Phal. Gilles Gratiot* (*Phal. aphrodite* x *Phal. rimestandiana*), registrado em 1920 e *Phal. Elisabethae* (*Phal. amabilis* x *Phal. rimestandiana*) registrado em 1927. Por algum motivo o híbrido *Phal. Battan* (*Phal. amabilis* x *Phal. aphrodite*) só foi registrado em 1943. Muitos dos primeiros híbridos foram feitos na Europa e a firma francesa Vacherot & Lecoufle tomou a liderança na hibridação de brancos. Começando com *Phal. Elisabethae*, outros híbridos importantes da época incluem:

*Phal. Jeanne d'Arc* (*Phal. Gilles Gratiot* x *Phal. rimestandiana*, 1931)

*Phal. Venustus* (*Phal. Elisabethae* x *Phal. Gilles Gratiot*, 1933)

*Phal. Mont Blanc* (*Phal. Elisabethae* x *Phal. Jeanne d'Arc*, 1937)

Em 1932 o híbrido *Phal. Katherine Siegwart* (*Phal. amabilis* x *Phal. Gilles Gratiot*) foi registrado por Slatter. O mesmo cruzamento foi registrado por Vacherot & Lecoufle em 1935 como *Phal. Avalanche*, sendo que o nome *Phal. Katherine Siegwart* tem prece-

\* Travessa Pepe, 98/201, Botafogo, CEP 22.290, Rio de Janeiro.



*Phalaenopsis Antarctic 'Ascot'.*

*Dono: Roberto Agnes*

dência. *Phal. Aveline* registrado em 1940 também é reconhecido como sendo sinônimo de *Phal. Katherine Siegart*.

Todos esses híbridos se tornaram os alicerces para os híbridos brancos tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Na França continuou-se a trabalhar com os brancos e nos anos 50 duas excelentes plantas matrizes foram criadas:

*Phal. Lachésis (Phal. Fanchette x Phal. Cendrillon, 1955)*

*Phal. Normandie (Phal. Blizzard x Phal. Perce-neige, 1956)*

O primeiro tornou-se uma grande matriz e o segundo foi matriz excelente e produziu muitas plantas de exibição. Em 1967 um dos clássicos de todos os tempos foi criado, *Phal. Henriette Lecoufle (Phal. Lachésis x Phal. Ramona)*. Com este híbrido começou a ver-se o resultado do trabalho feito com brancos nos EUA já que *Phal. Ramona* é um híbrido americano. O melhor clone *Phal. Henriette Lecoufle 'Boule de Neige'* recebeu um FCC/RHS e é ainda um dos melhores *Phalaenopsis* brancos no mercado. Durante anos esse clone foi a espinha dorsal do programa de hibridação de *Phalaenopsis* brancos de Vacherot & Le-

coufle e só recentemente foram feitas propagações dele para venda aos colecionadores. O híbrido mais importante criado com esse clone foi *Phal. Antarctic (Phal. Celie x Phal. Henriette Lecoufle, 1974)* que, por sua vez, produziu um número híbridos admirados hoje em dia. Muitos dos clones *Phal. Antarctic* foram premiados e houve uma época em que a expectativa em relação a esse cruzamento era tão grande que os seedlings dele custavam mais caro do que plantas selecionadas de outros cruzamentos. Os híbridos feitos com *Phal. Antarctic* incluem:

*Phal. Aubrac (Phal. Antarctic x Phal. Henriette Lecoufle, 1978)*

*Phal. Spitzberg (Phal. Antarctic x Phal. Opaline, 1977)*

*Phal. Chamonix (Phal. Antarctic x Phal. Spitzberg, 1985)*

*Phal. Cyrano de Valec (Phal. Spitzberg x Phal. Marion Hoyer, 1984).*

As plantas desses híbridos produzem flores grandes de formato e textura excelentes e são usados frequentemente em cruzamentos. Eles já começaram a mostrar o seu potencial como matrizes e tenho certeza de que por muitos anos continuarão a produzir o alto padrão de *Phalaenopsis* brancos a que já nos acostumamos.

Nos Estados Unidos grande número de cultivadores começou a fazer híbridos de *Phalaenopsis* nos anos 30. Um passo importante foi a criação de *Phal. Doris* (*Phal. Elisabethae* x *Phal. Katherine Siegart*) que foi registrado por Duke Farms em 1940. *Phalaenopsis Doris* veio a se tornar a mais importante matriz das seguintes décadas e muitos dos *Phalaenopsis* brancos superiores nos EUA têm *Phal. Doris* nos seus antepassados. O *Phal. Elisabethae* usado foi um tetraploide e pelo menos duas das plantas do cruzamento do *Phal. Doris* eram tetraploides. Esse cruzamento também deve ser destacado pelo fato de que não foi somente um clone, como *Phal. Deventeriana* 'Treva' por exemplo, a ser boa matriz. O cruzamento *Phal. Doris* foi um sucesso na medida em que muitas das plantas se tornaram boas matrizes. O que é impressionante no *Phal. Doris* é a proximidade das espécies nos seus antepassados.

As flores do cruzamento original tinham aproximadamente 8½ cm de diâmetro e tinham uma forma não muito excepcional. A cor era geralmente branca pura e em alguns clones o verso dos segmentos tinha um sopro de rosa pálido. As flores de *Phal. Doris* seriam medíocres para os padrões atuais, embora nenhum outro *Phalaenopsis* tenha produzido tantos híbridos de qualidade quanto ele.

A primeira geração de híbridos importantes inclui:

*Phal. Cast Iron Monarch* (*Phal. Doris* x *Phal. Louise Georgianna*, 1957).

*Phal. Grace Palm* (*Phal. Doris* x *Phal. Winged Victory*, 1950)

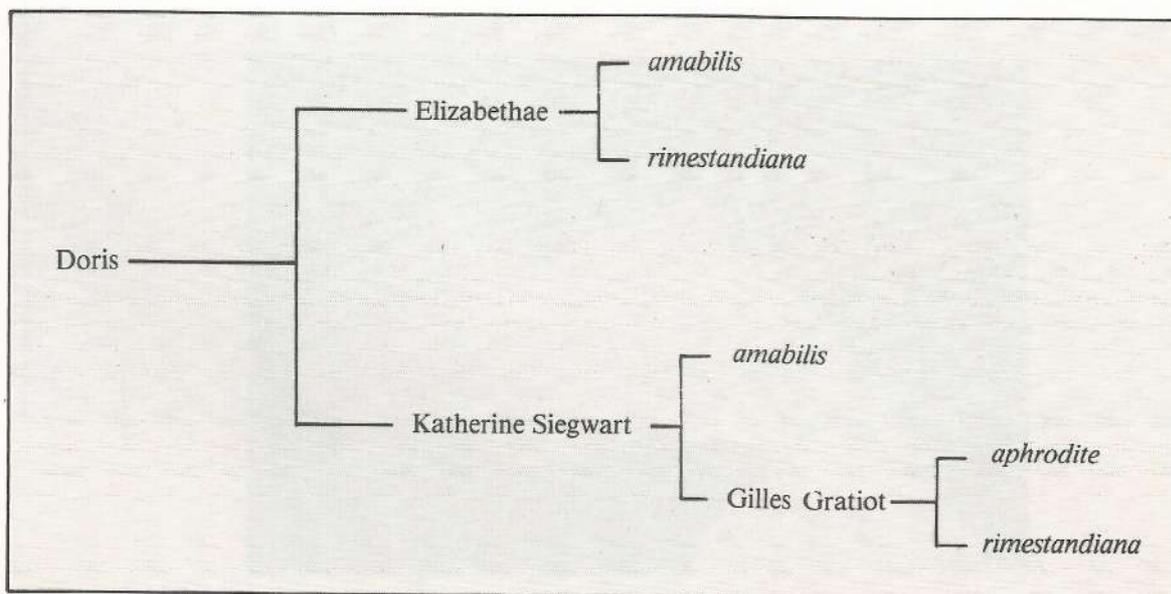
*Phal. Joseph Hampton* (*Phal. Doris* x *Phal. Monarch Gem*, 1966)

*Phal. Terri Cook* (*Phal. Doris* x *Phal. Ramona*, 1962)

*Phal. Elinor Shaffer*, *Phal. Louise Georgianna*, *Phal. Palm Beach*, *Phal. Terri Cook* e *Phal. Thomas Tucker* também encabeçam a lista dos híbridos ilustres produzidos por *Phal. Doris*.

*Phal. Cast Iron Monarch* provou ser uma planta superior, tanto como matriz quanto nas exposições. O clone *Phal. Cast Iron Monarch* 'The King', que é considerado hexaplóide (6N), tem substância e formato excelentes. Sua desvantagem é o pequeno tamanho de suas flores, todavia quando cruzado com flores maiores a progênie resultante era sempre de flores grandes e formato excelente.

*Phal. Grace Palm* é provavelmente o mais bem-sucedido dos híbridos do *Phal. Doris*. Mais de 50 clones foram premiados pela AOS e era o híbrido mais desejado entre os *Phalaenopsis* brancos nos anos 50. O cruzamento foi refeito muitas vezes, quase sempre com o mesmo sucesso. As autofecundações também foram bem-sucedidas e ainda existem muitas plantas desse híbrido em co-



leções. *Phal.* Grace Palm se tornou uma planta cobiçada entre comerciantes de flores, pois era comum uma planta adulta produzir várias hastes por ano, cada uma carregando até 15 flores perfeitas.

*Phal.* Joseph Hampton ainda está sendo usado como planta matriz. Os havaianos a usaram bastante durante os anos 80 e produziram alguns híbridos que se colocam entre os melhores do mundo. Recentemente vimos em exposições alguns híbridos de *Phal.* Joseph Hampton, o melhor dos quais ostentava mais de 12 flores, medindo cada, aproximadamente, 13cm de diâmetro e com excelentes forma e substância. Durante as décadas de 50 e 60 os netos de *Phal.* Doris começaram a brilhar. Foram amplamente usados e de novo os resultados estiveram acima das expectativas. Os mais importantes incluem:

*Phal.* Alice Gloria (*Phal.* Grace Palm x *Phal.* Ramona, 1961)

*Phal.* Gladys Read (*Phal.* Grace Palm x *Phal.* Juanita, 1961)

*Phal.* Keith Shaffer (*Phal.* Grace Palm x *Phal.* Gladys Read, 1965)

*Phal.* Monarch Gem. (*Phal.* Cast Iron Monarch x *Phal.* Palm Beach, 1960)

*Phal.* Princess Grace (*Phal.* Cast Iron Monarch x *Phal.* Grace Palm, 1959)

*Phal.* Ramona (*Phal.* Thomas Tucker x *Phal.* Mem. Nasu Tomoguchi, 1957)

*Phalaenopsis* Ramona herdou todas

as características que um híbrido deseja numa planta. A inflorescência produz muitas flores grandes, de excelentes formato e substância. Dois clones em particular, *Phal.* Ramona 'Perfection' AM/AOS e 'Purity' AM/AOS, provaram ser ótimas matrizes e juntas produziram grande número de plantas da mais alta qualidade. Na verdade existem mais AM's e FCC's dados a cruzamentos de *Phal.* Ramona que a qualquer outra matriz.

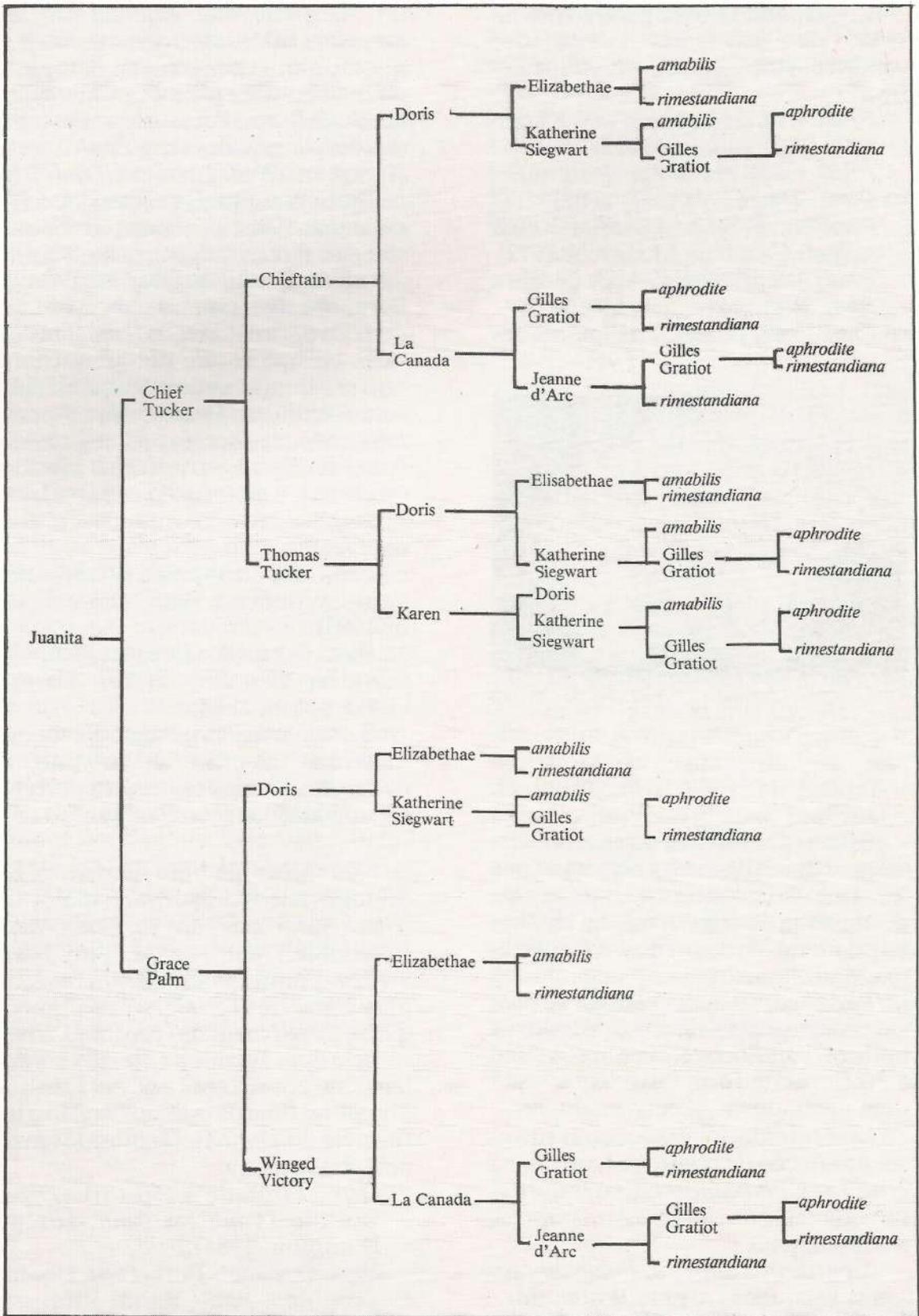
*Phalaenopsis* Alice Glória foi amplamente usado por H. Freed do Malibu Orchid Range e cada cruzamento feito com *Phal.* Alice Gloria produziu, pelo menos, uma planta premiada.

*Phalaenopsis* Princess Grace foi premiado com um 'Award of Quality', isso quer dizer que 12 plantas foram submetidas juntas para premiação e a qualidade delas foi tão superior que o cruzamento em si foi premiado. Este tipo de premiação representa o mais alto reconhecimento do híbrido e é raramente concedido. O híbrido neste caso foi Hugo Freed, um dos melhores nos EUA. *Phalaenopsis* Juanita tem, entre seus antepassados, uma dose da forma tetraplóide de *Phal.* Doris. O clone *Phal.* Juanita 'Fascination' foi muito usado devido à textura aveludada de suas flores que se transmite à prole. O clone apresenta várias vantagens para o híbrido, cruza com muita facilidade, é fácil de cultivar e tem a tendência a aumentar o tamanho das flores em seus cruzamentos. Como exemplo do desenvolvimento de um híbrido complexo, no *Phal.* Juanita po-

*Phalaenopsis* Randie Virginia.

Dono: Soroa Orchids





demos ver a dominância de matrizes européias no início e depois a forte participação de *Phal. Doris* nas gerações mais próximas.

Chegando à terceira geração dos híbridos de *Phal. Doris* os resultados continuam tão magníficos e até melhores.

*Phal. Wilma Hughes* (*Phal. Ramona* x *Phal. Juanita*, 1962)

*Phal. Capitola* (*Phal. Ramona* x *Phal. Winged Victory*, 1962)

*Phal. Kauai Monarch* (*Phal. Kauai* x *Phal. Cast Iron Monarch*, 1972)

*Phal. Alegria* (*Phal. Alice Gloria* x *Phal. Wilma Hughes*, 1970)

*Phal. Polar Bear* (*Phal. Elinor Shaf-*



*Phalaenopsis Orglade's* Dono: Soroa Orchids Upstart 'Soroa'.

fer x *Phal. Cast Iron Monarch*, 1969)

Apesar de as matrizes serem americanas, *Phal. Alegria* foi registrada por Vacherot & Lecoufle e quando cruzado de volta no *Phal. Wilma Hughes* outro maravilhoso branco, *Phal. Willmagria* foi criado.

*Phalaenopsis Wilma Hughes* é provavelmente o mais florífero de todos os brancos. A inflorescência carrega de 20 a 30 flores de forma excelente, cada uma medindo até 12cm de diâmetro.

Esse híbrido foi usado, com sucesso, na criação de brancos e também na criação de *Phalaenopsis* tipo 'novelty' (novidade), que são bastante populares atualmente.

A partir dos anos 70, *Phalaenopsis* tem sido criados em grande quantidade em todo o mundo. Eles continuam firmes como favoritos e como plantas de vaso e é nesse sentido que muita pesquisa tem sido feita para miniaturizá-los.

Como mencionado anteriormente, os havaianos também tomaram a frente na criação de *Phalaenopsis* e menção deve ser feita de algumas dessas plantas. A espécie *Phal. amabilis* var. *formosa* tem sido amplamente usada porque a planta permanece compacta quando adulta e produz grande quantidade de flores. Foi cruzada com híbridos de flor grande como *Phal. Joseph Hampton*, *Phal. Juanita* e *Phal. Bruce Shaffer*. A progênie começou a florescer em 1988, as plantas continuam compactas com folhas estreitas (facilita a embalagem em grande escala) e as flores são de tamanho intermediário, perfeito para o mercado de plantas em vaso. Os brancos de flor grande também são famosos e em 1980, *Phal. Hakalau Wonder* (*Phal. Queen Anna* x *Phal. Mount Marian*) foi registrado. Esse híbrido já gerou vários híbridos excelentes, a maioria já consagrada em exposições em todo o mundo. As mais notáveis são:

*Phal. Hakalau Queen* (*Phal. Hakalau Wonder* x *Phal. Danny Lee*, 1985)

*Phal. Carmela's Dream* (*Phal. Hakalau Wonder* x *Phal. Joseph Hampton*, 1985)

Essas plantas produzem flores que medem até 13cm de diâmetro e alguns dos melhores clones produzem flores com pétalas que se cruzam sobre o dorsal.

Na Flórida um bom número de híbridos brancos despertou o maior interesse durante os anos 80. *Doritaenopsis Double Trouble* (*Dtps. Lady Jewel* x *Phal. Jimmy Hall*, 1978) começou uma linha de *Doritaenopsis* brancos que se tornaram muito procurados não só pela boa forma de flores, como, também, por sua época de floração que é quase no final da estação (devido à influência do *Doritis*). Os híbridos mais notáveis incluem:

*Dtps. Orglade's Upstart* (*Dtps. Double Trouble* x *Phal. Joseph Hampton*, 1984)

*Dtps. Orglade's Puff* (*Dtps. Double Trouble* x *Phal. Randi Virginia*, 1984)

*Dtps. Orglade's Plume* (*Dtps. Double Trouble* x *Phal. Winter Dawn*, 1984)

Os híbridos de segunda geração já

começam a prometer e vários clones de *Dtps.* Zuma White Puff (*Phal.* White Chiffon x *Dtps.* Orglade's Puff) têm sido premiados pela AOS recentemente.

Uma menção deve ser feita às novas miniaturas, que já se tornaram bastante populares. Com a introdução de *Phalaenopsis equestris* var. *alba* toda uma nova linha de miniaturas brancas foi criada. *Phal.* Martha's Gem (*Phal.* Martha Daniels x *Phal.* *equestris* var. *alba*, 1967) produziu plantas pequenas e compactas com inflorescências que carregam até 30 flores de aproximadamente 4cm de diâmetro. Usando-se um clone florífero de *Phal.* *amabilis* o híbrido *Phal.* Baby's Breath (*Phal.* Martha's Gem x *Phal.* *amabilis.*, 1984) causou sensação com suas múltiplas hastes ramificadas, carregando até 30 flores cada. A visão é de uma pequena nuvem de flores brancas.

Infelizmente é impossível mencionar todas as plantas importantes e seus hibridadores que contribuíram para o aperfeiçoamento do *Phalaenopsis* branco. Os japoneses também têm criado brancos excelentes e fruto de seus trabalhos pode ser visto nos orquidários em São José dos Campos. Os senhores Hasegawa e Takanashi possuem alguns dos melhores *Phalaenopsis* brancos que já vi em coleções e fiquei impressionado a ver milhares de plantas floridas no ano passado. Parecia um mar branco e lembro de ter visto várias plantas que não fariam feio numa exposição internacional. Nosso benemérito Rolf Altenburg também fez experiências com *Phalaenopsis* brancos e em 1960 registrou alguns híbridos. Dois que me chamaram a atenção foram:

*Phal.* Branca de Neve (*Phal.* Valkyrie x *Phal.* Lachésis, 1960)

*Phal.* Luna Bianca (*Phal.* Aya x *Phal.* Lachésis, 1960).

No momento ninguém pode reclamar a liderança na criação de *Phalaenopsis* brancos. O interesse alcançou um tal nível e as plantas matrizes estão tão dispersas que cruzamentos de excelentes qualidades estão sendo criados em todos os centros orquidófilos. Plantas registradas recentemente e que, logo, se tornarão estrelas, incluem:

*Phal.* Aubaine (*Phal.* Spitzberg x *Phal.* Aubrac, 1988)

*Phal.* Hakalau White (*Phal.* Carmela's Dream x *Phal.* Hakalau Wonder, 1988)

*Phal.* Hawaiian Rainfall (*Phal.* Juanita x *Phal.* *amabilis*, 1988)

*Dtps.* Orglade's Surfsong (*Phal.* Randi Virginia x *Dtps.* Orglade's Puff 1989)

*Dtps.* Roman Cloud (*Phal.* Joseph Hampton x *Dtps.* Orglade's Puff, 1987)

Já progredimos muito desde que a primeira espécie com flor delicada, em forma de mariposa, foi usada. Em 1984 *Phalaenopsis* White Wonder 'Zuma Canyon' ganhou um FCC/AOS de 90 pontos. A inflorescência carregava nove flores de um branco límpido, medindo 14.2cm de diâmetro. Todos nós ficamos impressionados, mas tenho certeza que este tamanho de flor se tornará o padrão esperado nos próximos anos e, logo, cultivadores, não satisfeitos com apenas nove, irão querer muito mais flores. É esse tipo de emulação que mantém o entusiasmo aceso, e por mais que achemos que a perfeição foi alcançada, algo novo sempre surgirá para nos maravilhar.

# Umidade

*Derek Pirie\**

Cinco são os mais importantes fatores que influem no crescimento e desenvolvimento das orquídeas. São eles: água, luz, temperatura, ventilação e adubação. Qualquer mudança em um afeta um, ou mais, dos outros. Como ilustração, se se muda a intensidade da luz de uma planta, a temperatura também mudará, assim como a umidade. Deveríamos nos empenhar em manter todos esses cinco fatores da maneira a mais equilibrada para cada planta, já que as condições que a circundam mudam de hora para hora, dia para dia e estação para estação.

A água diz respeito ao orquidófilo em dois dos seus três estados — na sua forma líquida e na sua forma gasosa. A última chamamos umidade. O termo 'umidade relativa' é a proporção entre a quantidade de vapor d'água efetivamente presente no ar e a quantidade que estaria presente se o ar estivesse saturado à mesma temperatura. A umidade é, pois, expressa como porcentagem.

A maioria das orquídeas epífitas, no seu habitat natural, cresce onde água evapora do solo ou das folhagens próximas, ajudando a diminuir a temperatura ao redor e talvez também suprir algum traço de nutriente. As orquídeas preferem uma atmosfera onde a umidade relativa varia de 50 a 80% de saturação. Como essa condição varia inversamente à temperatura, a umidade, naturalmente, cai durante o dia e sobe quando chega a noite. A umidade insuficiente do ar associada com elevação da temperatura faz com que se torne mais difícil se prover um suprimento de água regular. A perda de água através do tecido das folhas (transpiração) é influenciado tanto pela umidade quanto pela temperatura. Quanto mais seca a atmosfera maior a evaporação e

perda de umidade na superfície dos vasos, substrato e nas raízes. Isto pode ser muito nocivo sobretudo em plantas e seedlings recentemente reenvasados. O oposto acontece com uma atmosfera constantemente saturada, o que é igualmente danoso. Neste caso, acontece uma condensação na folhagem e as flores podem ficar com manchas escuras devido ao excesso de umidade ou por infecção de fungos. A água retida em raízes novas, especialmente quando a temperatura cai, cria um ambiente propício ao desenvolvimento de infecções ou apodrecimento.

Em nossas estufas tentamos resolver o problema da umidade molhando as paredes, bancadas e chão, e umedecendo o ar com um sistema de vaporização, que, de preferência, deve estar localizado sob as bancadas e não sobre as plantas. A vaporização sobre as plantas é satisfatória nos meses mais quentes, mas tenha cuidado com este método ao anoitecer ou nos meses mais frios, pois a folhagem das plantas deveria estar sempre seca ao cair da noite. Isso evita a condensação de água em áreas onde uma possível infecção poderia causar estragos à planta. Lembre-se que criar uma umidade regular é necessário durante o inverno, quando a estufa tende a secar, sobretudo, quando nelas se introduz calor artificial, sendo de lembrar, ainda, que em estufa fechada há uma redução de ventilação.

Vale a pena lembrar o antigo ditado: "Se tiver dúvida quanto a regar a sua planta — não regue". É preferível deixar para o dia seguinte.

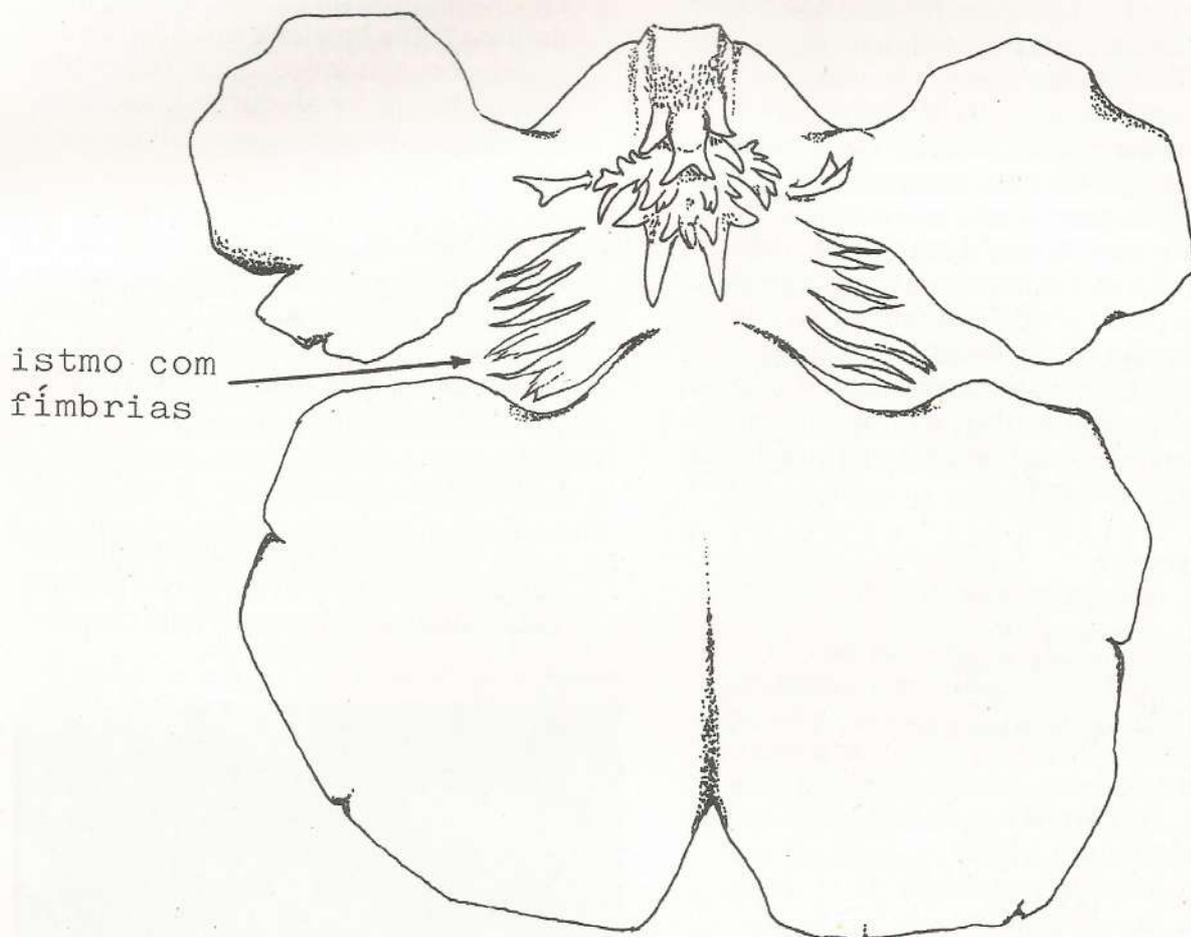
Seria a situação ideal poder usar um umidistato mas, infelizmente, eles são muito caros. Com tempo e experiência verá que esses instrumentos não são realmente necessários. Você se tornará apto a 'sentir' se a umidade relativa é muito alta ou baixa, conseguindo o que os ingleses chamam de "buoyant atmosphere".

\* 25 Victoria Street, Oaklands, Johannesburg, South Africa.

# Notas Sobre o Gênero *Oncidium* — Parte 5

*Carlos Eduardo de Britto Pereira\**

## SEÇÃO BARBATA



*Oncidium longipes.*

*Maria Cristina Miranda*

Não obstante fosse este o lugar planejado para a seção *Barbata* na sequência de apresentação das diversas seções do gênero *Oncidium*, ela veio bem a calhar para a retomada do nosso estudo, já que algumas de suas espécies são amplamente difundidas entre os cultivadores de orquídeas, quer pela exuberância de suas inflorescências, quer pela riqueza de contrastes no colorido de suas flores, ou, ainda, pe-

la facilidade de entouceiramento de algumas. Além disso, várias de suas espécies são corriqueiramente identificadas de maneira imprecisa.

Como bem traduz o nome da seção, uma característica fundamental no agrupamento de suas espécies é a existência de pequenas fímbrias (como se fossem diminutos fios de cabelo) no istmo do labelo. O istmo é a parte situada entre os lobos frontal e laterais do labelo e recebe esta denominação por analogia ao acidente geográfico de mesmo nome.

\* Rua São Clemente, 398/907, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22.260.

Uma outra característica que diferencia esta seção das anteriormente tratadas é o número ímpar de tubérculos que compõem a calosidade principal do disco do labelo.

Além disso, suas espécies apresentam pseudobulbos agregados ao longo do rizoma e suas flores sempre têm as sépalas laterais soldadas em sua base.

Suas espécies são epífitas, o que não impede que eventualmente encontremos alguma delas crescendo sobre pedras em lugares protegidos de excesso de insolação.

Como na seção *Paucituberculata* as espécies são separadas em dois grupos por características comuns no seu hábito vegetativo, abrangendo número de flores e tamanho da inflorescência e aspecto geral da planta. Com o intuito de ser menos repetitivo no tratamento de cada espécie em separado, dividi o segundo grupo em dois subgrupos com relação a somente a forma de seus pseudobulbos.

#### Grupo 1

- O. cogniauxianum* Schltr.
- O. croesus* Reich. f.
- O. longipes* Lindl.
- O. unicolor* Rolfe.
- O. uniflorum* Booth.

#### Grupo 2A

- O. barbatum* Lindl.
- O. ciliatum* Lindl.
- O. micropogon* Reich. f.
- O. psyche* Schltr.
- O. trichodes* Lindl.

#### Grupo 2B

- O. chrysopterum* (Lindl) Krzl.
- O. fuscopetalum* (Hoehne) Garay
- O. macropetalum* Lindl.

O primeiro grupo é composto por espécies que apresentam pseudobulbos pequenos, mais compridos do que largos, com uma ou duas folhas macias no seu ápice. Produzem inflorescências curtas e com poucas flores que possuem sépalas laterais mais compridas que o labelo.

As espécies do segundo grupo produzem inflorescências longas, às vezes ramificadas, e com muitas flores.

No subgrupo 2A os pseudobulbos são tetrágonos, de tamanho proporcional à planta, de modo geral mais compridos do que largos, envoltos por uma ou duas folhas basilares e encimados por uma única folha coriácea. Suas flores têm sépalas laterais mais compridas que o labelo.

As espécies do subgrupo 2B têm pseudobulbos fusiformes um pouco achatados, também proporcionais ao tamanho da planta, de modo geral tão largos quanto compridos, apresentando uma folha basilar e duas folhas coriáceas em seu ápice. Suas flores têm sépalas laterais mais curtas que o labelo, ficando, portanto, escondidas atrás dele.

Em seguida, faremos uma descrição resumida das diversas espécies, com o intuito de facilitar a sua identificação, acompanhada, quando necessário, de comentários que ajudam a esclarecer dúvidas existentes.

#### Grupo 1

*O. cogniauxianum* — Pseudobulbos pequenos, fusiformes, apresentando uma folha basilar e uma folha compri-

*Oncidium croesus.*      *Dono: C. E. B. Pereira*



da em seu ápice. Sépalas e pétalas estreladas, amarelo-esverdeadas com um friso transversal marrom-avermelhado mais ou menos na metade de seu comprimento. Labelo trilobado amarelo-claro. Habitat: serras altas dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

*O. croesus* — Pseudobulbos alongados, com folha basilar em uma ou em alguns casos duas folhas no ápice. Sépalas e pétalas bem armadas, cor de chocolate, e labelo fortemente trilobado, com os lobos laterais proporcionalmente grandes e arredondados, de colorido amarelo-vivo com uma mancha marrom-escuro no disco do labelo. Habitat: serras do Estado do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Pernambuco.

*O. longipes* — A forma desta planta varia enormemente. Algumas vezes os pseudobulbos são alongados encimados por duas folhas finas e compridas e, em outras, são pequenos e fusiformes com duas folhas largas e curtas. Estas variações normalmente dependem das condições do local aonde vegetam. O mesmo acontece com o tamanho e colorido das suas flores. O colorido das sépalas e pétalas varia do

amarelo-esverdeado, com ou sem manchas amarronzadas, a um colorido sólido castanho avermelhado. O labelo é trilobado amarelo-vivo. Algumas vezes plantas mais robustas desta espécie são identificadas erroneamente como *O. croesus*. Habitat: serras do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

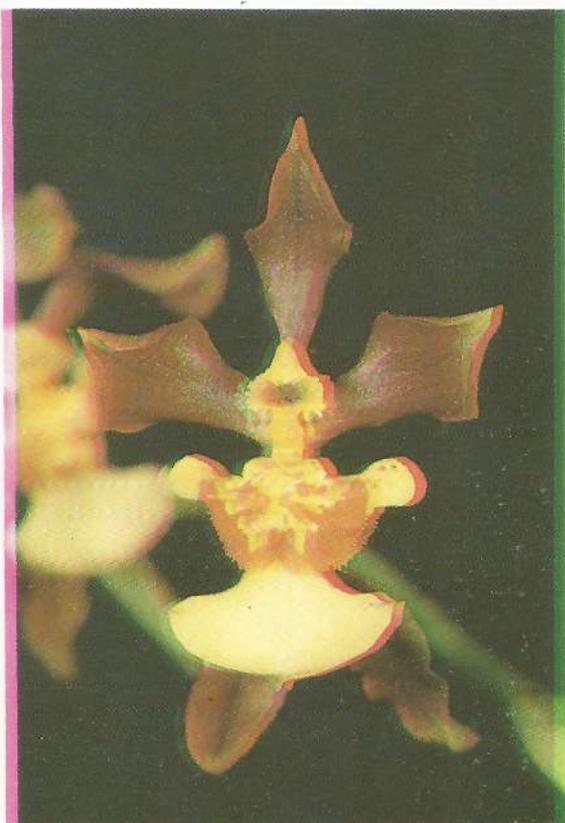
*O. uniflorum* — As plantas e flores são semelhantes ao *O. longipes*, embora seus pseudobulbos alongados normalmente só apresentem uma folha em seu ápice. A diferença principal entre as duas espécies é a configuração dos tubérculos que compõem o calo do disco do labelo. Outro aspecto notável, como diz o nome, é que normalmente este produz uma única flor por inflorescência, o que não é comum no *Oncidium longipes*. Habitat: o mesmo do *O. longipes*.

*O. unicolor* — Plantas semelhantes as do *O. uniflorum* com inflorescências de poucas flores de colorido amarelo-imaculado. Habitat: serras do Espírito Santo e Rio de Janeiro.

#### Grupo 2A

*O. barbatum* — Inflorescências grandes e com muitas flores cujas sépalas e pétalas são marrons-escuras e o labelo amarelo-brilhante, trilobado, com lobos laterais muito maiores que o lobo terminal que é mínimo. Habitat: Estados do Ceará, Pernambuco e Bahia.

*Oncidium longipes.*      *Dono: C. E. B. Pereira*



*Oncidium barbatum.*      *Dono: C. E. B. Pereira*

*O. ciliatum* — Sépalas e pétalas geralmente amarelo-esverdeadas man-



*Oncidium ciliatum*. Dono: C. E. B. Pereira

chadas de marrom e labelo amarelo-brilhante, trilobado, com os três lobos do mesmo tamanho aproximado. Habitat: Estados da Bahia ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

Lindley descreveu o *O. barbatum* na segunda década do século passado. Mais tarde, em 1855, quando publicou uma revisão do gênero *Oncidium*, citou para o *O. barbatum* as seguintes variedades:

- a) *verum* — lobo mediano do labelo muito pequeno e emarginado.
- b) *ciliatum* — lobo mediano do labelo pontudo e tão grande quanto os laterais.

Citou ainda duas outras variedades que não interessam no momento. Uma nativa da Guatemala e outra, embora nativa do Brasil, um pouco duvidosa para ele.

Mais tarde ainda, ele elevou a variedade *ciliatum* ao ranking de espécie, quer por esta diferença morfológica do labelo como pela diferente disposição

dos tubérculos que compõem o seu calo. Em 1882 Barbosa Rodrigues descreveu o *O. suscephalum* cuja descrição é bastante coincidente com a do *O. barbatum* variedade *verum*.

De acordo com as normas de nomeação de espécies da Taxonomia Botânica a anterioridade prevalece, o que nos leva a considerar o nome *O. suscephalum* um sinônimo para *O. barbatum*.

*O. micropogon* — Plantas muito semelhantes às das espécies anteriores, porém produzindo flores maiores. Sépala amarelas às vezes com manchas marrons e pétalas amarelas bem mais largas que as sépala e unguiculadas. Labelo amarelo-ouro, trilobado, com os lobos laterais pouco maiores que o lobo frontal. Habitat: Estados da Bahia, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

*O. psyche* — Por alguns esta espécie é considerada uma variedade do *O. micropogon*. Pouco conheço desta espécie para poder fazer alguma assertiva, embora os diagramas das duas espécies mostrados no livro de Guido

*Oncidium micropogon*. Dono: C. E. B. Pereira



Pabst indiquem que ela seja uma espécie válida. Habitat: Estado do Rio Grande do Sul.

*O. trichodes* — Embora nunca tenha tido contato com esta espécie, sua descrição e os comentários do Lindley a seu respeito são bastante singulares e me fazem arriscar algumas palavras sobre ela: sépalas e pétalas marrons-escuras e onduladas. Labelo trilobado amarelo com manchas escuras no disco que têm a disposição dos tubérculos que compõem o seu calo bastante particular. Habitat: Estado do Pará.

#### Grupo 2B

*O. macropetalum* — Sépalas e pétalas bem armadas do mesmo colorido que o labelo, as pétalas bem mais largas que as sépalas e quase arredondadas. Labelo amarelo-brilhante, trilobado com os lobos laterais arredondados muitíssimo menores que o lobo frontal. Habitat: Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

*O. fuscopetalum* — Sépalas e pétalas bem armadas de colorido castanho-brilhante, as pétalas mais largas que as sépalas e mais compridas do que largas. Labelo amarelo-brilhante, trilobado com lobos laterais agudos muitíssimo menores que o lobo frontal. Habitat: Estados de Goiás e Mato Grosso.



*Oncidium macropetalum*.

Dono: C. E. B. Pereira

*O. chrysopterum* — Espécie afim do *O. macropetalum*, com flores menores e colossidade um pouco diferente de acordo com observações feitas por J. Lindley. Infelizmente não conheço a espécie para poder acrescentar alguma coisa. Habitat: Estado do Mato Grosso.

# O Cultivo de Miltonia

Roberto Agnes\*



*Miltonia Cello 'Wasserfall'.*

*Dono: Milton Carpenter*

O gênero *Miltonia* pode ser dividido em dois grupos distintos que são comumente chamados de *Miltonias* brasileiras e *Miltonias* colombianas.

As espécies brasileiras que incluem *Milt. clowesii*, *Milt. flavescens*, *Milt. regnellii*, e *Milt. spectabilis*, entre outras, são conhecidas como *Miltonias* de

clima quente. As espécies colombianas que foram agrupadas no gênero *Miltionopsis* são conhecidas como *Miltonias* de clima frio. As espécies deste grupo que inclui entre outras, *Milt. roezlii*, *Milt. phalaenopsis* e *Milt. vexillaria* são endêmicas das mais altas elevações do Peru, Colômbia e América Central.

As plantas de *Miltonia* produzem bulbos achatados com três pares de folhas que variam de cor de verde-acinzentado nas espécies de *Miltionopsis* a

\* Travessa Pepe 98/201, Botafogo, CEP 22.290, Rio de Janeiro.

verde-brilhante nas espécies brasileiras. A haste sai da base, entre a folha e o bulbo, e produz de duas a doze flores. É comum dizer que *Miltonias* são difíceis de cultivar, mas, na maioria dos casos, isso pode ser atribuído ao fato de não se encontrar um equilíbrio entre a temperatura e luz necessárias à planta. Com um pouco de paciência pode-se achar um canto da estufa que seja mais adequado ao cultivo dessas plantas. As espécies e híbridos dos dois grupos podem ser cultivados juntos tirando proveito das condições microclimáticas dentro da estufa.

### Luz

A luz necessária aos dois grupos difere um pouco. As espécies brasileiras e seus híbridos necessitam aproximadamente 50% de sombreamento e vão bem junto às *Cattleyas*. As espécies colombianas (e híbridos de *Milt. roezlii* e *Milt. vexillaria*) necessitam aproximadamente de 70% de sombreamento e vão bem junto aos *Paphiopedilums*. A cor das folhas é um bom indicador quanto se a planta está recebendo iluminação adequada. Folhas verdes-escuras indicam pouca luz e folhas verdes-amareladas indicam luz demais. Durante o verão as plantas precisam de mais sombra, especialmente se a temperatura ultrapassa os 27°C.

### Temperatura

*Miltonias* não toleram temperaturas extremas a não ser por curtos períodos. Deve-se tentar manter a temperatura durante o dia abaixo dos 27°C e durante a noite uma temperatura de aproximadamente 15°C produz os melhores resultados. As espécies dos dois grupos crescem em elevações relativamente altas, daí ser natural a acentuada queda de temperatura entre o dia e a noite. Para obter melhores resultados a diferença deveria ser por volta de 5-8°C. *Miltonias* não gostam de súbitas variações na temperatura e por isso devem ser protegidas de correntes de ar, quente ou frio. No inverno as plantas devem ser colocadas num canto da estufa, protegidas de ventos frios.

### Envasamento

As plantas não devem ser colocadas num vaso muito grande em relação à planta. Deve-se lembrar que elas têm raízes finas que são bastante suscetíveis ao apodrecimento. As plantas devem manter-se 'apertadas' no vaso, deixando-se, no máximo, espaço para, apenas dois anos de crescimento. Qualquer que seja o substrato usado é importante que seja bem drenado de maneira a ficar úmido sem se tornar encharcado. Xaxim, puro ou misturado com musgo (esfagno), produz os melhores resultados. Muitos cultivadores usam musgo puro com ótimos resultados embora tenha que tomar cuidado para não encharcá-lo.

*Miltonias* devem ser divididas e reenvasadas quando iniciam os novos brotos, sempre tomando cuidado para não machucar as delicadas pontas verdes das novas raízes. As plantas se dão melhor se não forem divididas com muita frequência e nunca deve-se dividi-las em touceiras com menos de quatro bulbos.

### Rega

Talvez a maior dificuldade encontrada no cultivo das *Miltonias* seja a correta dosagem da água a ser dada a elas. O substrato deve sempre ser mantido úmido e nunca deverá ficar completamente seco. Durante o verão as plantas podem ser regadas quase que diariamente (preferivelmente pela manhã) se cultivadas em vasos pequenos. Durante o inverno deverá haver uma redução já que os dias encobertos e chuvosos não permitem que o substrato seque tão rapidamente. A grande regra é, pois, manter úmido, sem deixar encharcar e nunca secar completamente o substrato. Quando a umidade cai abaixo de 40% as plantas devem ser borrifadas com água, de manhã, de maneira que, com o cair da noite, elas estejam secas. As plantas que são mantidas secas demais produzem brotos novos com folhas enrugadas como o fole de um acordeão. Isso pode ser evitado mantendo-se uma umidade adequada dentro da estufa.

## Adubação

Em geral as *Miltonias* não precisam de muito fertilizante e preferem uma adubação regular de uma solução fraca. Um adubo balanceado com 18:18:18 ou 20:20:20 pode ser usado tanto com xaxim ou musgo. O adubo deve ser aplicado na razão de meia colher de chá por galão (4 litros) de água, a cada duas semanas. Como as *Miltonias* não têm um período de descanso definido, as plantas podem ser adubadas durante todo o ano, sendo que no inverno a solução pode ser de um quarto de colher de chá para o galão de água.

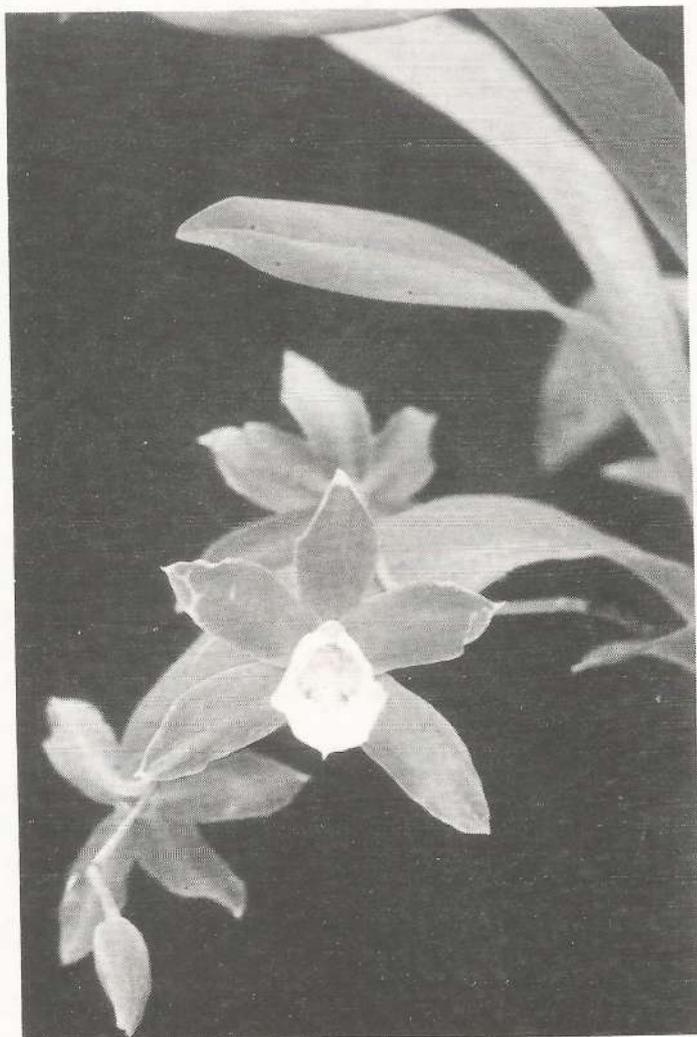
## Floração

As hastes florais das *Miltonias* são muito delicadas quando elas primeiro emergem da axila da folha. Elas são um dos pratos prediletos das lesmas e é aconselhável colocar algum veneno para caramujo em volta da base da planta durante este período.

A inflorescência das *Miltonias* colombianas tendem a arquear e produzem de quatro a oito flores grandes, planas, com a forma parecida a um amor-perfeito. As cores vão do branco passando pelo rosa até um intenso vermelho-aveludado. Híbridos amarelos e tipo 'cascata' (quando o labelo tem marcas brancas que lembram uma cascata), se tornaram bastante populares.

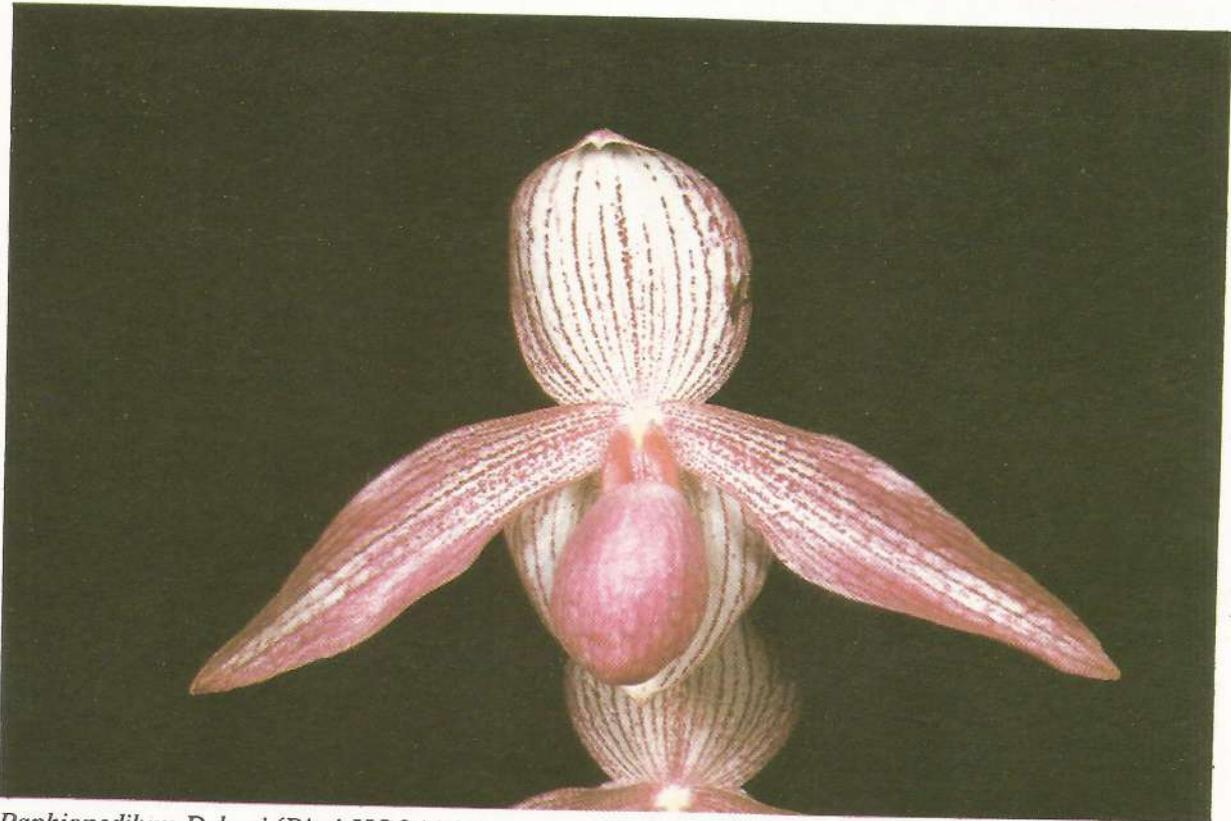
As espécies brasileiras produzem hastes eretas e o número de flores varia de espécie para espécie. *Milt. spectabilis* produz no máximo duas flores por haste enquanto *Milt. flavescens* produz até doze flores numa inflorescência. Um número de híbridos tem sido feito com as espécies brasileiras. As espécies e seus híbridos são usados para transmitir tolerância ao calor nos intergenéricos de *Odontoglossum*.

A floração de *Miltonia* vai do inverno até o começo do verão, com duração de entre 15 dias e seis semanas, dependendo da espécie ou híbrido.



# O *Paphiopedilum* *Rothschildianum* (Rchb. f.) Stein e seus Híbridos Primários

*Fernando Arlindo Parga\**



*Paphiopedilum Delrosi 'Rita' HCC/AOS.*

Dono: Paphanatics

**E**ssa belíssima espécie de orquídea, encontrada no norte de Borneu, precisamente no Monte Kinalabu, foi introduzida na Europa em 1887, simultaneamente, por F. Sander & Co. de St. Albans na Inglaterra e por J. Linden na Bélgica.

Originariamente foi descrito como *Cypripedium rothschildianum* por H. G. Reichenbach, no *Gardener's Chronicle* em 1888, quando, então, foi dedicado ao Barão F. de Rothschild, um dos mais eminentes patronos da horticultura do seu tempo, na Inglaterra.

Este *Paphiopedilum* é denominado, por unanimidade, o “Rei das Orquídeas”, sendo intensamente admirado por todos que tem o privilégio de vê-lo.

No fim do século XIX, causou sensação quando surgiu nas coleções dos aristocratas e dos mais ricos colecionadores, ou seja, daqueles que podiam possuir as melhores coleções de orquídeas.

No começo deste século, quando as competições nas grandes exposições ocorriam, ele e seus espetaculares híbridos primários, representavam a aspiração maior de todos os cultivadores, o que continua a ocorrer nos nossos dias.

Um fato curioso a ser consignado é o mistério que envolvia os locais onde as plantas eram coletadas, pois, o uso

\* Aranda Plantas, Pesquisa & Comércio Ltda.,  
C.P. 92.445, Teresópolis, RJ, CEP 25.950.

desta prática prevenia a competição de outras firmas importadoras na coleta das novas descobertas.

No caso específico do *Paphiopedilum rothschildianum*, F. Sander divulgou, maliciosamente, ser ele nativo da Nova Guiné e não de Borneu, seu país de origem.

Durante muitos anos o *Paphiopedilum rothschildianum* foi considerado planta de difícil cultivo, possivelmente pela grande porcentagem de insucessos que ocorreu, bem como pelo desconhecimento das condições de seu "habitat".

Observações ambientais, foram feitas por Sheila Coklenette, que visitou o Monte Kinalabu em 1959, quando coletou algumas plantas (vide *Orchid Digest*, Vol. 39, nº 4, 1975).

Todavia, as informações relatadas estão incompletas e somente após as expedições realizadas pelo Dr. J. A. Fowlie e Earl Roos, as técnicas culturais foram melhor desenvolvidas, transmitidas e assimiladas pelos cultivadores.

O *Paphiopedilum rothschildianum*, no seu "habitat", é encontrado em ravinas profundas, em altitude de quase 1.000 metros. As temperaturas são elevadas, ao redor de 30°, durante o dia, no verão, mas à noite, permanecendo no entorno de 15°.

Seu aspecto vegetativo é de porte grande, com folhas longas e lustrosas, atingindo cerca de 60cm de comprimento com 5cm de largura.

As suas belíssimas flores, de até 30cm, saem de uma haste robusta com 60cm de altura, em número de duas a cinco. A época de floração vai da primavera ao verão.

É planta de crescimento lento, levando entre cada nova brotação e floração um período de tempo de dois a três anos, fato este que impede a divisão antes de ter florido a antiga brotação, já madura, detalhe que, quando não observado, acarretará a perda da planta.

Cabe, porém, assinalar que as dificuldades acima indicadas são muito atenuadas nos híbridos primários, cujo cultivo e florescimento são obtidos com bastante facilidade.

Se você é um aficionado deste *Paphiopedilum*, procure ter na sua cole-

ção, principalmente, híbridos primários, pois as características de beleza, robustez e florescimento, no verão, são transmitidas à progênie.

Os dois primeiros híbridos com o *Paphiopedilum rothschildianum* surgiram em 1895, oito anos após a sua descoberta e foram feitos por F. Sander na Inglaterra.

De 1895 até 1960 encontramos o registro de trinta híbridos primários com o *Paphiopedilum rothschildianum*, quantidade esta bastante expressiva, se lavarmos em conta as dificuldades então existentes para a germinação das sementes, como também o reduzido número de plantas existentes para serem hibridadas. De 1961 a 1985 foram registrados apenas seis híbridos.

Contudo, este aparente decréscimo na criação destes híbridos nas últimas décadas é apenas aparente, visto que, anteriormente, ele já havia sido cruzado com a quase totalidade das espécies de *Paphiopedilum* conhecidas.

O que na verdade ocorreu foi que eles se perderam e deles só foi possível tomar conhecimento consultando obras clássicas da literatura sobre orquídeas, como, por exemplo, a *Lindenia* onde as belíssimas gravuras nela existentes levou, nos últimos vinte anos, amadores e profissionais, para nossa satisfação, a repetir os mesmos cruzamentos.

Os híbridos acima citados, com os respectivos nomes e datas de registros, são os seguintes:

#### *Paphiopedilum rothschildianum*

- x *argus* = Mrs. Rehder — 1899
- x *barbatum* = Tringiense — 1897
- x *bellatulum* = Rolfei — 1901
- x *boxallii* = Edith — 1900
- x *callosum* = Callo-rothschildianum — 1897
- x *chamberlainianum* = Transvaal — 1901
- x *ciliolare* = Oakes Ames — 1897
- x *curtisii* = A. de Laresse — 1895
- x *dayanum* = Kimballianum (H.N.)
- x *druryi* = Cooksonii — 1905
- x *fairrieianum* = Unique — 1924
- x *glaucophyllum* = Vanguard — 1921
- x *godefroyae* = Daisy Barclay — 1905
- x *Gowerianum* = Shillianum — 1899
- x *haynaldianum* = Houghtoniae — 1918
- x *hookerae* = Jupiter — 1895
- x *insigne* = Ingens — 1904
- x *lawrenceanum* = Wiertzianum — 1898

- x *lowii* = Julius — 1914
- x *niveum* = Woluwense (desconhecido)
- x *parishii* = William Trelease — 1898
- x *philippinense* = St. Swithin — 1901
- x *sanderianum* = Prince Edward of York — 1898
- x *spicerianum* = Faroultii — 1893
- x *stonei* = Lady Isabel — 1897
- x *superbiens* = W.R. Lee — 1894
- x *tonsum* = Solon — 1900
- x *venustum* = Bruxellense — 1901
- x *victoria Marie* = Andronicus — 1908
- x *villosum* = Vacuna — 1898
- x *delenatii* = Delrosi — 1961
- x *sukhakulii* = Iantha Stage — 1973
- x *acmodontum* = Jeffery Bevis — 1976
- x *praestans* = Susan Booth — 1983
- x *concolor* = Mark Hasegawa — 1985
- x *primulinum* = Prime Child — 1985

Por sua beleza ímpar bem como por sua raridade, as autoridades de Borneu, objetivando preservá-los, transformaram a região onde são encontrados, em Parque Nacional de Kinalabu impondo, ainda, severas normas de segurança.

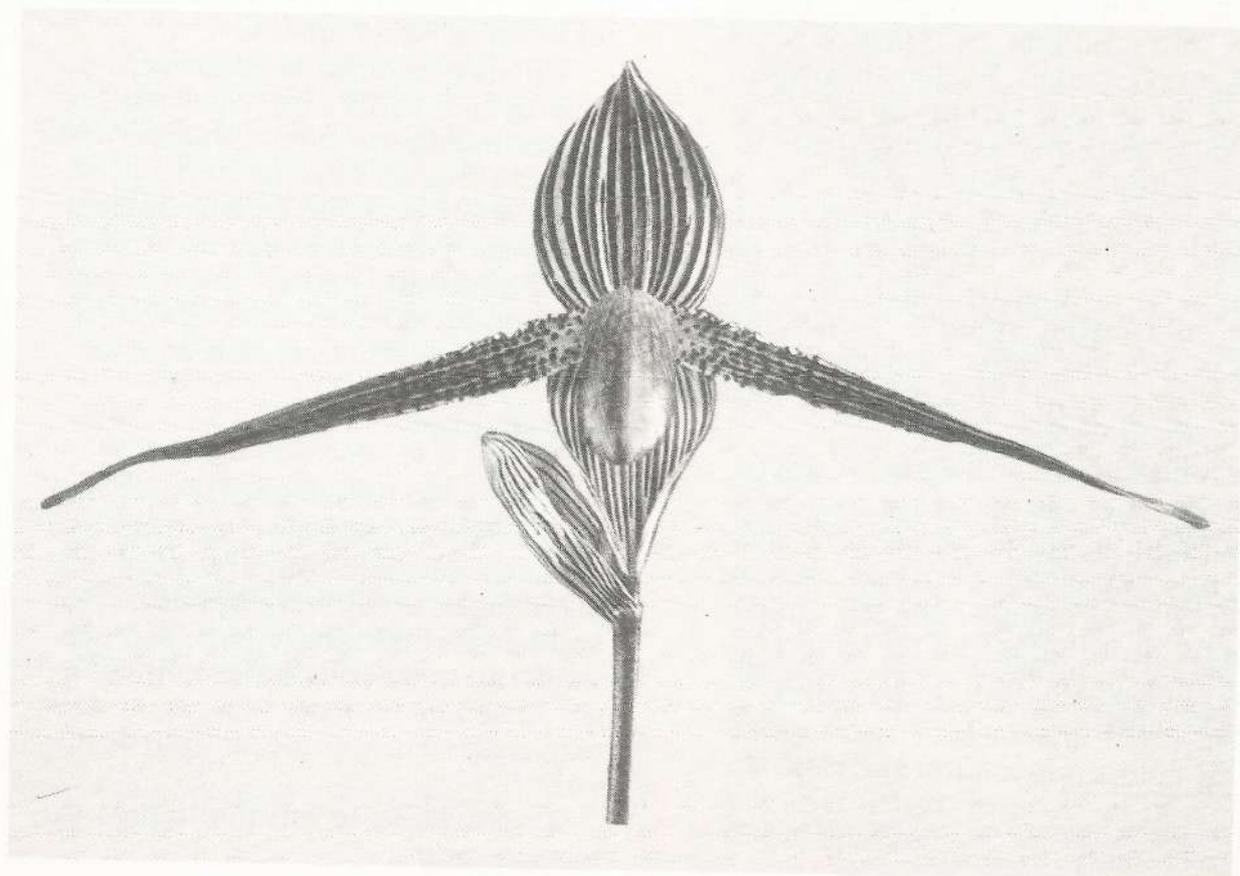
Em 1987, foram produzidos, em laboratório, seedlings de *Paphiopedilum rothschildianum* e uma centena deles foi levada para Borneu e reintroduzi-

das no seu "habitat" protegidos por telas para que ficassem a salvo das intempéries. Transcorridos dois anos, verificou-se que mais de 50% deles se encontravam em excelentes condições. Desse modo a população está sendo aumentada e é muito reduzido o risco de extinção dessa magnífica espécie.

Outro fato curioso é que em virtude do carisma que esta espécie possui, alguns amadores e profissionais têm se dedicado a cultivá-los, com muito entusiasmo, a tal ponto que o estabelecimento Jack & Val Tonkin, de Kesington, Califórnia, EUA, divulgou, em 1978, que possuía em flor, 238 exemplares, quantidade esta que parece superar a que existe hoje, no Parque Nacional Kinalabu.

Concluindo, verificamos que o *Paphiopedilum rothschildianum* é tratado em cultura há quase um século, como rei, como aristocrata, como órfão e como indigente, portanto, vamos cultivá-lo e desejá-lhe uma longa vida.

Fernando Arlindo Parga  
Aranda Plantas, Pesquisa & Comércio Ltda.  
C.P. 92.445 — Teresópolis — RJ — CEP 25.950



# No Limite

*Phyllis Finkelstein\**

**H**ouve um tempo em que minha comida predileta era um picadinho no Aurora. Uma garrafa de Mateus, um vinho rosado português de pouca distinção, feito especialmente para uma noite romântica. Não era materialista e a vida era tão simples. Tudo era novo e fresco, eu me satisfazia com um nada. Ah, falar de uma época singela!

Agora minha preferência em restaurantes está mais para o Laurent, e minha favorita efervescência pode ser encontrada numa garrafa com um 'bouquet' distinto e um preço combinado.

## Quando é suficiente o suficiente?

A vida é agora, com toda a sofisticação e conhecimento presentes em toda a experiência e decisões, melhor? Você pode voltar o relógio, fazer de novo e decidir quando o suficiente é suficiente?

Está certo, agora vamos falar de orquídeas. Lembra-se da primeira que você comprou? Se você já é orquidófilo por algum tempo, talvez até um expert da classe, as chances são de que você não a tenha em sua coleção, hoje essa planta seria feia, pelo menos pelos seus padrões atuais. Eu aposto também que quando você a comprou era a coisa mais bonita que você tinha visto e tê-la foi fonte de grande prazer. Agora pense, quantas vezes você andou para cima e para baixo, entre bancadas de orquídeas incapaz de achar uma flor que valia a pena comprar, zombando dos pobres iniciantes carregando braçadas de plantas? Seja honesto, você sabe quem você é?

Os neófitos estão alegres? A resposta é sim. Eles vão para casa com montes de plantas que os fazem sorrir cada vez que eles olham para elas, matam uma ou duas plantas, que são rapidamente substituídas sem ter tempo para chorar suas perdas. A vida é simples, a vida é boa.

\* Traduzido, livremente, do Greater New York Orchid Society Newsletter.

## Obsessão e Determinação

Os experts continuam a matutar e disputar plantas premiadas, cujo dono está ocupado em protegê-las de outros experts igualmente obsessivos e determinados. Que cena! Grandes negócios são oferecidos: "Tome meu dinheiro, leve esta propagação, tome esta divisão, leve meu primogênito".

Às vezes os experts têm sorte (não muitas, já que existem muito mais experts do que plantas merecedoras) e levam para casa um tesouro. Se a sorte continuar ele não a matará. Sim isto acontece até mesmo com os experts e quando acontece é o caos. Afinal de contas uma planta premiada merece um velório. E a procura pela substituição começa. Quando parte o próximo vôo?

## Fica Complicado

Quando começa a ficar complicado? Devagar, enquanto aprendemos como cultivar melhor as orquídeas, aprendemos, também, intuitivamente, o que é uma flor de melhor qualidade. Mais redonda aqui, mais plana ali, mais cheia, maior, mais colorida, mais... e vai por aí afora. Logo nós notamos alguma coisa que não tínhamos notado da última vez que olhamos uma planta. Já não é tão boa quanto era antes e nós já não a amamos.

Um novo padrão se estabeleceu e a satisfação se torna rara. Na verdade o conhecimento traz novos prazeres mas também vira um fator na eterna perseguição à flor perfeita. Como conseguirei chegar primeiro à área de vendas? São permitidos patins? Inesperadamente as pressões da vida real se intrometem nessa fantasia. Não é justo.

## Sem Retorno

Bem, a vida não é justa, e é só uma questão de tempo antes que tudo isso comece a interferir com a pureza e simplicidade de se cultivar orquídeas. Nós ambiciosos queríamos mais, não pensando no que perderíamos no percurso. Já não há retorno, mas, se, ao menos, pudéssemos começar tudo de novo!...

Provavelmente terminaríamos do mesmo modo...

## Minhas Pequenas Jóias

*Carlos Antônio A. de Gouveia\**

Quando nosso Editor, Roberto Agnes, me intimou a escrever uma matéria para nossa ORQUIDÁRIO, minha primeira reação foi de susto. Afinal, não seria petulância minha meter-me a publicar um artigo sobre assunto no qual não passo de um curioso, um neófito?

Fui convencido da oportunidade de “cometer” o presente ao analisar o papel de nossa revista. Afinal de contas, a Orquidário é, basicamente, uma associação de apaixonados por orquídeas, não apenas de estudiosos de botânica, e nossas publicações mais pretendem ser veículo de troca de opiniões e experiências do que ser consideradas tratados sobre orquidologia. Assim sendo, espero que minha ousadia estimule outros companheiros associados a seguirem o exemplo, enviando sua contribuição, certamente valiosa.

Bem, o assunto proposto também exerceu um certo fascínio, devo confessar... Pequenas orquídeas são algo que me cativa e gostaria muito de iniciar mais pessoas no “vício”. Prefiro fugir do termo micro-orquídeas, uma vez que o mesmo estabelece confusão sobre o tamanho máximo de uma micro. Além disso, existem plantas minúsculas com flores grandes e flores mínimas em plantas de porte. Assim, vamos falar em flores pequenas.

Cada vez mais cresce no mundo o interesse por plantas exóticas, que fujam aos padrões comuns de beleza. Junte-se a isso, o espaço, normalmente reduzido, que ocupa e facilmente se compreende por que países do primeiro mundo tanto vêm se dedicando a essas espécies, ditas botânicas.

Outro atrativo é o cultivo. Certa vez, Maurício Verboonen me disse que achava uma pena que as pessoas sempre começassem pelas orquídeas tradicionais, uma vez que os cuidados com elas são completamente diferentes dos necessários com as micro, o que as afastaria dessas pequeninas plantas. Bem, concordo com quase tudo, mas acho que se as pessoas começassem pelos *Zygostates* e *Phymatidium*, muito poucos chegariam às *Cattleyas* e *Phalaenopsis*... as plantinhas são difíceis de se manter, como o próprio Maurício diz em sua lista de preços para exportação “... to grow them is a challenge.” No entanto, esse desafio, mais do que afastar, provoca e instiga os colecionadores.

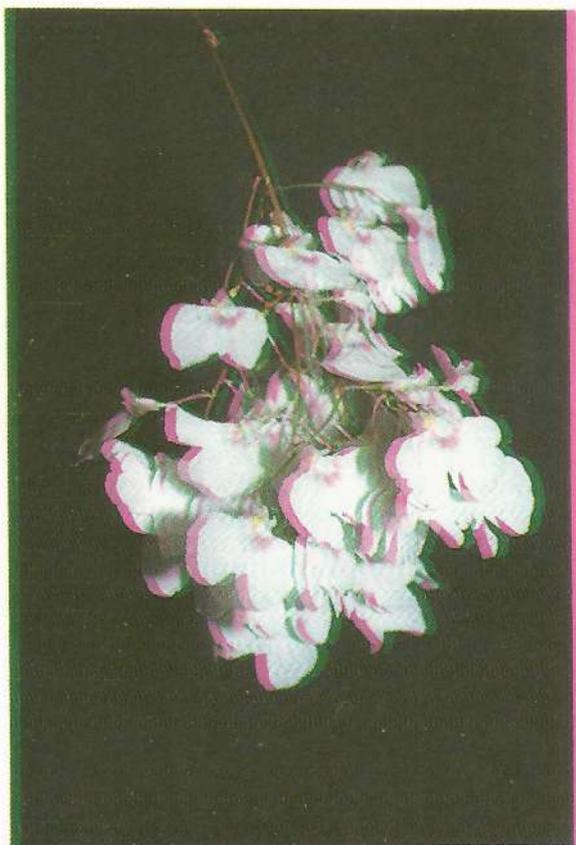
Na verdade, não existem regras fixas para cuidar de pequenas orquídeas, já que isso depende de seu habitat de origem, no entanto, alguns comentários de ordem geral podem ser feitos.

- Mais do que em orquídeas maiores, nossas miniamigas dependem de seu sistema radicular. Evite quebrar suas raízes, caso colete alguma, procure retirar o máximo possível de raízes junto.
- A maioria delas vegeta em finos galhos. Procure reproduzir isso, use toquinhos de xaxim ou corticeira. As raízes se desenvolvem melhor e é mais fácil manter a umidade adequada.
- Cuidado com a umidade! Normalmente excesso de água significará apodrecimento, mas lembre-se que elas têm muito menos reservas do que uma *Laelia purpurata*, deixá-las secar quase certamente irá provocar danos fatais. O ideal seria mantê-las em ambiente úmido, sem molhá-las demais. Sendo impossível borri-fe-as, diariamente, se necessário.

\* Rua Afonso Ribeiro, 112, Rio de Janeiro, RJ, CEP 21.021.

- Não exponha suas plantas a excesso de luz. Mesmo as que gostam mais de luz, usualmente se ressentem de sol direto. Uma planta recém-adquirida deve migrar lentamente, da sombra para locais mais claros em seu orquidário.
- Por que dividir miniorquídeas? Quanto maior a touceira, maior o efeito. Além do mais, caso fosse dividir, retornariam os problemas com as raízes.
- Adube-as! Recomendo uma dosagem menor — talvez a metade da diluição normal. Também é de bom alvitre molhar as orquídeas antes de adubar, evitando que os sais desidratem as mesmas.

Bem, dito isso, vamos conversar um pouco sobre algumas espécies, quase todas fáceis de se achar. Por favor, levem em consideração o fato de minha experiência ser com plantas criadas ao nível do mar, no Rio de Janeiro.



*Ionopsis utricularioides*. Dono: Roberto Agnes

*Campilocentrum* — Planta muito comum nas serras cariocas, raramente vista em coleções, tem hábito que lembra um *Epidendrum*. Sua inflorescência é axilar, com pequeninas flores cor creme, extremamente cheirosas,

em cachos. Na natureza se poliniza com facilidade, formando os frutos, minúsculos cachinhos de banana. Sombra profunda, e lugar bem ventilado.

*Capanemia australis* — Planta de porte bem pequeno, parecendo sua folhagem com espinhos de ouriço. Flores brancas bem pequenas. Cultive em toquinhos de xaxim, muita umidade e luz moderada.

*Capanemia uliginosa* — Parece uma pequena *Brassavola*. Sua haste floral é longa e pode conter mais de 20 flores, de aroma contagiante. Vai muito bem em tocos, não muito finos, luz moderada e pouca água nas raízes mas sem secar a planta. Se entouceirada é irresistível.

*Comparettia coccinea* — Certa vez li numa publicação estrangeira que o azar das *Comparettias* é não ter um parente próximo para hibridizar, como, por exemplo, os *Ascocentrum*. Da aliança do *Oncidium*, algumas espécies são usadas em híbridos. Essa espécie única, brasileira, tem flores laranja, pequenas. Não é das mais fáceis de manter, ao menos no Rio. Sugiro muita água e muita sombra.

*Dichaea pendula* — Sua folhagem lembra muito uma samambaia e seu hábito de crescimento descendente a tornam especial. Floração axilar de belo colorido, pode passar até um mês florindo uma flor após outra. Sombra e umidade não apresentam problemas com o calor.

*Ionopsis utricularioides* — Tida como de cultura delicada, deve-se evitar ressecar as raízes. Gosta de luz e muita ventilação, vai bem em corticeira e assemelhados. As flores são rosadas, em cacho sempre muito vistoso. Arrebatadora!

*Leptotes bicolor* — Da aliança das *Cattleyas*, existem alguns híbridos feitos com essa espécie. Flor relativamente grande para o escopo do artigo, está aqui porque o gênero costuma ser referido como micro. Gosta de luz, como os outros *Leptotes*, e vai bem quer em placas, quer em pequenos vasos. Vi certa vez uma foto de uma placa com 200 flores (dizia o texto, eu não contei), com um efeito inacreditável.

*Leptotes tenuis* — Na minha opinião o mais belo dos *Leptotes*, com flo-

res pequenas, mas muito bem formadas, destacando-se o labelo. A cor é rosa com labelo estriado. Muito semelhante, com colorido menos intenso, é o *Leptotes paulensis*. Cultivo semelhante ao bicolor, sendo melhor usar placas menores.

*Leptotes unicolor* — Parece uma versão miniaturizada do *Leptotes bicolor*. Cuidados semelhantes ao *Leptotes tenuis*.

*Lockhartia lunifera* — Planta excepcional, uma das minhas prediletas. Folhas que lembram um trança, com flores nas extremidades. Suas flores são parecidas com *Oncidium*, amarelinhas. Floresce, sem parar, por três ou quatro meses, inclusive nos bulbos já anteriormente floridos. Luz moderada e umidade.

*Notylia* — Gênero muito singelo, com diminutas flores amarelas, que se apresentam em longas hastes arqueadas, podendo ter mais de 50 flores, que abrem seqüencialmente. É difícil de distinguir as diversas espécies, pelo reduzido tamanho. Gosta mais de climas frescos, tolera calor, mas não sol direto.

*Ornithocephalus grandiflora* — Mais interessante que seu irmão *Ornithocephalus myrticola*, tem flores verdes e brancas muito graciosas. Sombra e umidade, com boa ventilação, são o segredo do sucesso.

*Phymatidium* — Aqui temos um gênero complicado de manter em climas quentes. Um dia de calor sem umidade e pronto. Já era! Cuidado com luz em excesso também. A espécie mais conhecida, *Phymatidium tilandisioides*, produz uma nuvem de flores brancas. Outras espécies, normalmente, apresentam folhas pequenas, como se fossem cabelos verdes, com hastes bem mais longas.

*Quekettia microscopica* — Espécie amazônica, com hábito vegetativo assemelhado às *Capanemias*, com flores pequenas que não abrem completamente, de cor amarela. Gosta de calor, umidade e sombra profunda.

*Scaphyglottis violacea* — A inflorescência desta espécie, apesar de bem pequena, sobressai pelo colorido intensamente lilás. Também costuma repetir floração em bulbos antigos. Calor,

umidade e sombra. Gosta mais de pequenos vasos.



*Sigmatostalix radicans*.

Dono: Florália

*Sigmatostalix amazonica* — Uma autêntica jóia! Sua longa haste com flores bem espaçadas é magnífica. As flores lembram um *Oncidium*, sendo que a coluna é bem fina e muito comprida, com as políneas na extremidade, lembrando uma vara de pescar. Espécie amazônica, adora umidade e luz moderada.

*Sigmatostalix radicans* — Também interessante, suas flores brancas e amarelas são menos curiosas que a espécie anterior, mas igualmente simpáticas. Luz discreta, ventilação e água, são ingredientes fundamentais. Prenda-a em palitos de xaxim para que possa desenvolver seu complexo sistema radicular.

*Solenidium lunatum* — Espécie de flores não tão diminutas, com coloração rajada de marrom, gosta de umidade, mas não de raízes molhadas. Luz média e arejamento intenso. Sua maior qualidade é a durabilidade da flor — eu já tive uma que ficou quase 40 dias inteira.

*Stelis* — Um dos gêneros mais na moda no exterior, tive notícia de um colecionador com mais de 230 espécies diferentes! Pelo reduzidíssimo tamanho quer da planta, quer das flores, suponho que o referido orquidófilo deva usar microscópio para identificar suas plantas. Em um vaso de 1 polegada, minha *Stelis* produziu 28 hastes florais. Sombra e umidade. Pode florir 2 ou mais vezes ao ano.

*Zygostates lunata* — Planta chatinha de ter, à menor distração, morre. No entanto, sua haste pendente, com pelo menos uma dúzia de flores douradas, que abrem todas ao mesmo tem-

po, pode tirar a respiração de alguém mais sensível. Sombra profunda e fatura de umidade, para plantas montadas em finos palitos de xaxim, são recomendações imprescindíveis.

*Zygostates pustulata* — Os comentários anteriores valem para esta espécie. Suas flores são menos vistosas, mas, em compensação, costumam ser muito mais abundantes.

Claro, ficam faltando inúmeros outros gêneros, tais como *Pleurothallis*, *Dryadella*, *Barbosella*, *Constantia*, alguns *Oncidiums* ou *Epidendrums* também poderiam estar aqui presentes, mas a falta de espaço, somado com a minha pouca vivência com muitas dessas espécies, recomendam ficar por

aqui. Quem sabe em outra oportunidade...

Bem, espero ter acendido a chama das micro, mini, ou seja lá como preferirem chamar, em alguns dos companheiros orquidófilos. Nosso presidente, Álvaro Pessoa, costuma chamar minhas crianças de "Fiapocidiums", mas reparem bem numa exposição como as pessoas ficam impactadas ao descobrir que aquelas gracinhas são orquídeas, como ficam extasiadas admirando-as, por vezes muito mais que ao deparar-se com aqueles tradicionais híbridos de *Cattleya*, os enormes "repolhões". Se as *Cattleyas* são o feijão com arroz da orquidofilia, as microorquídeas são o escargot.



# Perguntas e Respostas

## Pergunta

Eu cultivo minhas plantas na varanda do meu apartamento. Gosto de trazê-las para dentro de casa quando estão com botões, isso afeta a floração?

*Lessa de Lacerda  
Rua Piratininga, 70/301  
Gávea*

## Resposta

Pode acontecer que as flores fiquem com a cor um pouco esmaecida por causa da redução de luz dentro da casa. Isso afeta principalmente as vermelhas e as amarelas. Se a casa estiver com pouca umidade a planta poderá abortar alguns dos botões.

*Roberto Agnes*

## Pergunta

Tenho notado, entre algumas das minhas *Cattleyas*, que os botões apodrecem dentro da espata enquanto ainda estão se desenvolvendo. Existe alguma maneira de se combater este problema.

*Maria Inês de Azevedo  
Rua Marta Waltenburg, 104  
Juiz de Fora*

## Resposta

Normalmente os botões apodrecem quando há um excesso de umidade dentro da espata, resultado de grandes flutuações de temperatura no inverno. A umidade dentro da espata se condensa, criando o ambiente perfeito para a proliferação de organismos que causam o apodrecimento dos botões. Não existe remédio para isso, o jeito é abrir a espata (com cuidado, para não machucar os botões) quando ela mostrar qualquer sinal de degeneração, por exemplo, se ela começa a amarelar antes que os botões despontam.

*Roberto Agnes*

## Pergunta

Queria perguntar-lhes sobre o seguinte: algumas orquídeas que foram compradas há algum tempo e que estão separadas, apresentam umas manchas, nas folhas, pardacentas e com o tempo ficam escuras e observando bem verifiquei que eram causadas por uns bichinhos vermelhos (ácaros). Já usei METASYSTOX e MALATOL e, em algumas, eles desapareceram e, em outras, não e ficaram mais resistentes atacando até as gemas; o que eu devo fazer? Existem outros produtos químicos com mais eficácia no combate aos ácaros?

*Ronaldo de Araújo Ribeiro — Sco 274  
R. Vol. da Pátria, 307  
Campos, RJ*

## Resposta

O aparecimento de manchas pardacentas nas folhas das orquídeas, pode ser causada por fungos ou por organismos do tipo ácaro (os bichinhos vermelhos aos quais você se refere).

No primeiro caso a mancha tem pontos pretos e, em volta deles, ocorre um amarelecimento, predominante embaixo da folha. Em folhas de dendrobium isto é muito comum! Trata-se de um fungo que se combate com DITHANE ou SAPROL.

O ácaro se combate com inseticida e o METASYSTOX parece ser eficiente contra ele, sobretudo se você utilizar uma escova de dentes macia para esfregar o produto.

*Álvaro Pessoa*

## Sementeira dos Sócios...

e, também, dos leitores, por que não? Criando esta Seção foi nosso propósito abrir espaço em que os leitores pudessem externar seus pontos de vista, criticar, sugerir, enfim, dizer como querem a Revista, feita para eles, afinal.

Quanta coisa se fez a partir de uma sugestão, de um pedido, de um reclamo dos leitores. O apoio dos sócios, permitiu-nos coragem para a aventura de aperfeiçoar a Revista, dando-lhe uma nova diagramação e introduzindo cores, na capa e, depois, no interior da Revista, mas procurando não descuidar da qualidade do texto escrito, que, variado, procura satisfazer interesses que os leitores nos indicaram. Alguns pediram que lhes oferecêssemos alternativas de plantas para cultivo e abrimos a Seção Espécies Interessantes. Outros cobraram orientação sobre técnicas de semeio e foram atendidos. Pedem, agora, que falemos sobre cultura de tecidos, a partir do meristema, o que, em breve, atenderemos, do mesmo modo que abriremos espaço para as estufas e outras informações, tudo sempre voltado para o amador, mas sem esquecer que a Revista deve, também, oferecer textos apurados que justifiquem o agrado dos especialistas. Equilíbrio, enfim, talvez seja a receita correta para uma revista como a nossa. Equilíbrio na dosagem dos temas abordados e, também, na permanente avaliação crítica, fundada na reação dos que nos lêem.

Nesse balanço, demos em números anteriores lugar a críticas e sugestões. É justo, pois, darmos, também, vazão à nossa alegria quando nos chegam menções que nos permitem ver que a rota seguida está correta. Devidamente autorizados pelo nosso Vice-Presidente e, também, membro da Comissão Editorial, Waldemar Scheliga, transcrevemos trechos de cartas que recebeu, da Suíça e da Alemanha, de orquidólogos e botânicos daqueles Países, tratando da Revista.

Do Senhor Rudolf Geny que, além de orquidólogo, é colaborador do Instituto de Sistemática e Geobotânica e Jardim Botânico da Universidade de

Berna, na Suíça (e que, também, já se tornou sócio da OrquidaRio):

“Há poucos dias recebi um exemplar da Revista Orquidário... Vejo-me na obrigação de apresentar-lhe meus cumprimentos, porque a apresentação é excelente. É pena que seja redigida apenas em português e não bilíngüe. Estou muito interessado em receber regularmente essa Revista, assim como todos nos números anteriores”.

O Senhor Manfred Wolff, um dos redatores da Revista alemã ‘Die Orchidee’, não foi menos caloroso:

“Sua última carta foi para mim uma surpresa extremamente agradável, pelo que tenho muito a comentar.

Gostei muito de sua Revista ‘Orquidário’. Uma das minhas principais atividades é com relação às aquisições para a Biblioteca. Porém, sobre a Revista ainda não tinha tido notícias. É uma pena, porque o Brasil é o segundo maior detentor de orquídeas e, no entanto, com relação a publicações continua tímido. Durante certo tempo existiu a Revista ‘Orquídea’ e existem os livros de Hoehne (lamentavelmente, só em português). Fora disso, há muito pouco sobre o seu País, do qual possuímos tantas espécies nos nossos viveiros. Desejo, sinceramente, que possa nos ajudar a fazer desaparecer esta lacuna. Fazendo ambos parte das redações das nossas Revistas, podemos ambos ajudar-nos, mutuamente, com troca de artigos, empréstimo de ilustrações, fotos, etc.

Vocês mandaram, por acaso, exemplares da sua Revista, para serem comentados pela AOS, N.O.V., etc.? O artigo sobre Dichaea, de Augusto Neves deve despertar interesse, porque, até agora, ninguém escreveu a respeito. Tudo isto, bem provavelmente, aumentaria a grande divulgação de sua Sociedade, o que sinceramente desejo”.

Em textos publicados, em números anteriores, o nosso Presidente, Álvaro Pessoa, falava dos tempos históricos da orquidofilia fluminense e brasileira, que teriam morrido com a Revista Orquídea. Essa a tradição que a Orquidário está procurando resgatar e retomar, não nos parecendo à toa o paralelo feito entre aquela voz do passado e a nossa de agora. Isto também perceberam os nossos amigos do Círculo Gaúcho de Orquidófilos, quando no seu boletim de 23.06.990, também teceram o mesmo paralelo, brindando a Orquidário com o comentário seguinte:

“O País recebeu a confirmação do que já era uma certeza para muitos: novamente estamos unidos através de uma excelente Revista orquidófila, aos moldes da grande REVIS-

TA ORQUÍDEA editada antigamente pelo Sr. Luis de Mendonça, que é a ORQUIDÁRIO, editada aos cuidados do companheiro Roberto Agnes, pela Orquidário, uma das mais novas e bem estruturadas associações orquidófilas do País.

Comprova-se, com isso (ao contrário do que muita gente pensa), que em orquidofilia a renovação também pode ser muito produtiva. Nada como o “sangue-novo” aliado à experiência dos orquidófilos mais antigos! Parabéns, Orquidário, nota DEZ para vocês também!”

Que sejamos todos os que estamos fazendo a Orquidário capazes de prosseguir neste caminho, atentos às críticas e gratificados com a aceitação da nossa Revista.



